

“O PÃO NOSSO DE CADA DIA NOS DAI HOJE” : TRILHAS DE UMA INFÂNCIA ENTRE A ESCOLA E O LIXÃO

SIMONE DE OLIVEIRA DA SILVA SANTOS (UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE).

Resumo

Esta comunicação apresenta uma pesquisa, em andamento no programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal Fluminense, que tem como objetivo compreender como algumas crianças que trabalham no Lixão de Niterói se apropriam da linguagem escrita e como elas percebem essa aprendizagem. O referencial teórico da pesquisa divide-se em duas partes, na primeira são apresentados os conceitos de infância, cultura, alfabetização e letramento, que ajudarão a compreender a realidade pesquisada. Na segunda parte são explicitados os conceitos bakhtinianos de linguagem, polifonia, subjetividade e alteridade que guiarão a análise dos dados coletados no campo. Trata-se de uma pesquisa qualitativa, através do estudo de caso, utilizando como coleta de dados a observação participante e a entrevista semi-estruturada. Os sujeitos pesquisados são quatro crianças, alunos da Escola Municipal José de Anchieta, cuja faixa etária oscila entre os dez e doze anos de idade, que têm em comum o fato de chegarem ao final do primeiro ciclo sem ler e escrever convencionalmente e de trabalharem como catadores no Lixão. A realização da pesquisa proposta contribuirá para que, ouvindo os alunos, se possa repensar as práticas da escola, tornando-a um espaço a favor das crianças das classes populares, para que tenham acesso e permaneçam na escola com sucesso.

Palavras-chave:

Alfabetização, Letramento, Subjetividade.

Introdução

Ao ingressar como orientadora educacional concursada, na Escola Municipal José de Anchieta, localizada no Morro do Céu - Bairro Caramujo - e vizinha ao Aterro Sanitário de Niterói (R. J.), conhecido popularmente como Lixão, deparei-me com uma realidade nova e assustadora: um grande número de alunos que estavam no final do primeiro ciclo (Terceiro ano do Ensino Fundamental) e ainda não sabia ler e escrever.

Na época, havia na escola uma classe de reorientação[1], que recebia os alunos retidos no primeiro ciclo e que tinha o objetivo de alfabetizá-los. Mas havia crianças que mesmo após terminar a reorientação continuavam retidas.

Após algum tempo, descobrimos que quase todas as crianças que eram encaminhadas à equipe de articulação pedagógica, com dificuldades na aprendizagem ou trabalhavam no Lixão ou eram filhas de catadores.

Não quero dizer que todos que trabalham no Lixão fracassam na escola. As crianças que fracassavam eram, em sua maioria, crianças trabalhadoras. Mas acredito que o problema do fracasso escolar dessas crianças seja social e pedagógico.

É inaceitável que essas crianças passem na escola três ou quatro anos e não se apropriem da linguagem escrita. Com certeza elas aprendem. Talvez não da forma escolarizada, talvez a professora não consiga reconhecer, mas tendo contato por tanto tempo com a linguagem escrita alguma aprendizagem ocorre e a prova disso é que alguns desses alunos conseguiram se alfabetizar em 2008. Nesse contexto

surgiu a questão da minha pesquisa: Como as crianças que trabalham no Lixão percebem o seu processo de alfabetização?

Este trabalho é parte de uma pesquisa em andamento no programa de pós-graduação em educação da Universidade Federal Fluminense e apresenta-se como meu exercício de construção do referencial teórico-metodológico e de uma análise preliminar das primeiras entrevistas.

Inicialmente apresento o referencial teórico e a metodologia escolhida para realização da pesquisa. Em seguida, explico os objetivos e os sujeitos pesquisados, além de apresentar a escola e o Lixão. Para concluir trago uma pequena análise das primeiras entrevistas.

Penso que a realização da pesquisa proposta contribuirá para que, ouvindo os alunos, se possa repensar as práticas da escola, tornando-a um espaço a favor das crianças das classes populares, para que tenham acesso e permaneçam na escola com sucesso.

Referencial teórico-metodológico

Para começar mostrarei o que me instiga a pensar sobre a infância. Será que a escola privilegia uma infância? Como compreender a infância de escolares que catam lixo?

Infância é a junção da partícula latina *in*, 'não', e *fans*, *fantis*, do verbo *fari*, falar, 'ter a faculdade da fala', ou seja, *infans*, *infantis*, que não fala, que ainda não tem idade para falar, que ainda é criança.

Infância também se conceitua como o período etário compreendido entre o nascimento e a puberdade. Infante ou criança é a pessoa que vive o período da infância. De acordo com a Lei Nº 8.069, que dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, a infância estende-se até a idade de doze anos. Para Kramer (2007): "infância pode ser entendida como categoria social e como categoria da história humana. Pode ser entendida como período da história de cada um, e na nossa sociedade vai do nascimento até aproximadamente os dez anos". (p.13)

Segundo Kohan (KOHAN, 2004) existem duas infâncias:

Uma é a infância majoritária, a da continuidade cronológica, da história, das etapas do desenvolvimento, das maiorias e dos efeitos: é a infância que costumamos chamar de "tradição ocidental", educa conforme os modelos da formação. Essa infância é compreendida como primeira etapa da vida marcada pelo tempo da progressão seqüencial: seremos primeiro bebês, depois, crianças, adolescentes, jovens, adultos, velhos. Ela ocupa uma série de espaços molares: as políticas públicas, os estatutos, os parâmetros da educação infantil, as escolas, os conselhos tutelares. (p. 5)

Mas, para a maioria da população infantil brasileira, há outras formas mais adversas, fazendo supor infâncias, no sentido da pluralidade de sentidos advindos de diferentes relações sociais.

Existem também outras infâncias, que habitam outras temporalidades, outras linhas, infâncias minoritárias. Infâncias afirmadas como experiência, como acontecimento, como ruptura da história, como revolução, como resistência e como criação. Infâncias que atravessam e interrompem a história, que se encontram em devires minoritário, em linhas de fuga, em detalhes; infâncias que resistem os movimentos concêntricos, arborizados, totalizadores, totalizantes e totalitários: infâncias que se tornam possíveis nos espaços em que não se fixa o que alguém pode ou deve ser, em que não se antecipa a experiência do outro. Espaços propícios para essas infâncias são aqueles em que não há lugar para os estigmas, os rótulos, os pontos fixos. (KOHAN, 2004, p. 5)

Numa sociedade desigual, as crianças desempenham diferentes papéis, de acordo com seu contexto sócio-cultural. As crianças, sujeitos dessa pesquisa, vivem uma infância singular. Estudam e trabalham para ajudar na sobrevivência da família e não frequentam os espaços pensados para crianças, como parques, shoppings, praças, clubes e, geralmente, só tem acesso a atividades culturais voltadas para a infância pela mediação da escola.

Toda criança, como participante de uma sociedade, é produtora de cultura e ao mesmo tempo também é produzida pela cultura. Kramer (2007) lembra que devemos reconhecer: "o que é específico da infância: seu poder de imaginação, a fantasia, a criação, a brincadeira entendida como experiência de cultura. Crianças são cidadãs, pessoas detentoras de direitos, que produzem cultura e são nela produzidas". (p. 15)

Modernamente existem duas teorias sobre cultura, que se destacam no campo da Antropologia. Uma definição é a de Lévi-Strauss, que considera a *cultura como sistemas estruturais* e: "que define cultura como um sistema simbólico que é uma criação acumulativa da mente humana. O seu trabalho tem sido o de descobrir na estruturação dos domínios culturais - mito, arte, parentesco e linguagem - os princípios da mente que geram essas elaborações culturais". (LÉVI-STRAUSS apud LARAIA, 2008, p. 61)

A segunda teoria, que considera a cultura como sistemas simbólicos, desenvolveu-se nos Estados Unidos pelos antropólogos Clifford Geertz e David Schneider. Para Geertz, todos nascemos aptos para receber um programa que é a cultura. O autor afirma que "um dos mais significativos fatos sobre nós pode ser finalmente a constatação de que todos nascemos com um equipamento para viver mil vidas, mas terminamos no fim tendo vivido uma só!" (GEERTZ apud LARAIA, 2008, p. 62)

A alfabetização é definida por Magda Soares como a "*ação de ensinar /aprender a ler e a escrever*" (2002, p. 44) e o letramento como:

um estado, uma condição: o estado ou condição de quem interage com diferentes portadores de leitura e de escrita, com as diferentes funções que a leitura e a escrita desempenham na nossa vida. Enfim: letramento é o estado ou condição de quem se envolve nas

numerosas e variadas práticas sociais de leitura e de escrita.
(SOARES, 2002, p. 44)

Soares (2003) destaca que alfabetização e letramento devem andar juntos, pois a criança ao ser alfabetizada deve familiarizar-se com o mundo letrado; utilizar a leitura e a escrita em diferentes situações e com diferentes objetivos e isso implica a convivência com diferentes gêneros textuais desde seu ingresso na escola.

Linguagem, para Bakhtin (1981), é um fenômeno social por excelência, que tem como materialidade o exercício da fala e que se constrói e se transforma nas e com as relações sociais, sendo a interação verbal a realidade fundamental da língua.

Para o autor o enunciado é a unidade básica da linguagem e para existir depende de um enunciador e de um interlocutor (presente ou não) em um determinado tempo e espaço. O enunciado é um acontecimento sempre único e irrepetível, apenas um elo na cadeia discursiva que está relacionado a enunciados anteriores e a outros por vir desencadeando sempre uma atitude responsiva no interlocutor.

Além do caráter dialógico, o enunciado é também ideológico, sendo impossível separar a linguagem do seu conteúdo ideológico.

... não são palavras o que pronunciamos ou escutamos, mas verdades ou mentiras, coisas boas ou más, importantes ou triviais, agradáveis ou desagradáveis etc. A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. (BAKHTIN, 1981, p. 95)

Portanto ao tratar de linguagem neste estudo, tratarei sempre a compreendendo como algo complexo, vivo, em constante transformação e que se materializa nas relações sociais de forma dialógica e ideológica.

Em seu livro "*Problemas da poética de Dostoiévski*", Bakhtin (2008, p. 4) define polifonia como "*multiplicidade de vozes e consciências independentes e imiscíveis*". Polifonia, para ele, não se resume a apenas a presença de diferentes vozes no sujeito, mas à relação dialógica existente entre elas.

As falas dos sujeitos, que compõem o campo desta pesquisa, são construídas numa relação social com muitos personagens: as professoras, os funcionários da escola, os colegas de classe, as famílias, os trabalhadores catadores do Lixão.

O uso do conceito de polifonia justifica-se pelo fato de encontrarmos nas falas pesquisadas a presença de muitas outras falas, que apesar de representarem outros lugares sociais, já se incorporaram às falas das crianças e às coisas que elas acreditam.

Bakhtin não criou uma teoria sobre o sujeito, mas lendo o conjunto de sua obra pode-se perceber que, para ele, é nas relações sociais, mediadas pela linguagem que a formação da subjetividade se dá. A interação dialógica forma o sujeito a

partir das relações de alteridade que se constroem em diferentes espaços. Para o autor, subjetividade e alteridade são indissociáveis.

Segundo o autor, alteridade é entender o *outro* como existente e reconhecido pelo *eu* como *outro que-não-eu*, é ser o *outro do outro*. Mas não sou eu que respeito o outro, o outro que se impõe a mim. O eu só se forma no/com e pelo diálogo. É no outro, pelo outro e com o outro que o eu se forma.

Para Bakhtin a relação dialógica é essencial na formação do sujeito, pois o *outro* é o único lugar possível para uma completude impossível, nossa individualidade só existe porque o *outro* a cria. É o olhar do *outro* que nos completa, temos uma necessidade vital da visão e da memória do *outro* e assim nossa individualidade é formada numa grande trama polifônica.

No horizonte metodológico a pesquisa realizada é de cunho qualitativo, através do estudo de caso. Utilizando como coleta de dados a observação participante e a entrevista.

A pesquisa tem o objetivo de investigar como as crianças que trabalham no Lixão percebem seu processo de alfabetização.

Os sujeitos pesquisados são seis crianças, alunos da Escola M. José de Anchieta, cuja faixa etária oscila entre os nove e doze anos de idade, que têm em comum o fato de chegarem ao final do primeiro ciclo sem ler e escrever convencionalmente e de trabalharem como catadores no Lixão. São três meninos e três meninas, que há mais de três anos eram considerados em situação de fracasso escolar.

Desses alunos, dois se alfabetizaram em 2008 e quatro continuam sendo alfabetizados em 2009.

Pesquisa de Campo

A Escola Municipal José de Anchieta foi inaugurada no ano de 1977 e está localizada bem próxima ao aterro sanitário, que atualmente já pode ser visto da esquina da rua B, onde fica a escola.

Atualmente a escola atende as turmas do primeiro ao quarto ciclo, o que corresponde aos nove anos do Ensino Fundamental.

Em 2009 estão matriculados aproximadamente 550 alunos, divididos em dois turnos. No primeiro turno estudam alunos do segundo, terceiro e quarto ciclos (do quinto ao nono ano). No segundo turno estudam alunos do primeiro e segundo ciclos (do primeiro ao quinto ano).

Lixão é a forma como é popularmente conhecido o aterro sanitário do Morro do Céu - Bairro Caramujo - que é o destino de todo lixo que não é coletado de forma seletiva no município de Niterói. O aterro começou em 1983, como um lixão a céu aberto sem as devidas impermeabilizações do solo para gases e chorume. Com a fundação da Companhia de Limpeza Urbana de Niterói (Clin) em 1989, foram

tomadas providências para minimizar os efeitos do lixão e torná-lo um aterro semi-controlado.

Segundo a Clin, a área atual do lixão é de aproximadamente oitenta mil metros quadrados e a quantidade de detritos recebida diariamente pelo vazadouro é de aproximadamente 470 toneladas.

O *Lixão* começou na parte de cima do morro do Céu, mas com seu crescimento acelerado ele vem invadindo novas áreas.

Quanto ao número de pessoas que tiram seu sustento do *Lixão*, um funcionário da Clin disse não ter como precisar, sabe apenas que são muitos, desde aqueles que tiram do lixo seu único meio de sobrevivência, àqueles que na hora do "aperto" usam o trabalho de catador como "bico".

Coletam os lixos homens e mulheres de todas as idades, de crianças bem pequenas (com 4-5 anos, aparentemente) até pessoas da terceira idade. A maioria trabalha no horário da noite, quando chega à maioria dos caminhões.

Os trabalhadores recolhem uma diversidade no *Lixão*: garrafa pet, latinha de alumínio, alumínio, cobre, ferro, jornal, papel branco, plástico fino e grosso, brinquedos, roupas, sapatos, bijuterias, frutas, verduras, biscoitos, ou seja, o que possa ser vendido, comido ou usado por eles.

Análise das primeiras entrevistas

Foram realizadas doze entrevistas, individualmente, entre os dias 11 e 25 de maio de 2009. Cada aluno realizou duas entrevistas, em semanas diferentes. As entrevistas foram realizadas na sala da Supervisão e da Orientação Educacional, na sala de leitura e em uma sala de aula vazia. As entrevistas tiveram entre cinco e vinte minutos de duração, pois dois alunos deram muitas respostas monossilábicas, enquanto outros deram respostas que provocaram novos questionamentos

Desde o ano passado venho conversando com os seis alunos sobre a minha pesquisa e eles concordaram em contar-me como é o trabalho realizado por eles no Lixão e como estão aprendendo a ler e a escrever. Os alunos foram escolhidos por declararem trabalhar no *Lixão*, embora nas atuais entrevistas o neguem.

Optei por chamar os alunos de uma letra do alfabeto, escolhida aleatoriamente, sem relação direta com seus nomes.

As crianças entrevistadas foram: **B** Uma menina de doze anos, **D** um menino de onze anos, **L** uma menina de doze anos, **O** um menino de doze anos de idade, **P** um menino de onze anos e **R** uma menina de nove anos, todos moradores do Morro do Céu.

As transcrições das entrevistas foram lidas, diversas vezes e analisadas uma a uma para que eu pudesse extrair delas o maior número de temas para análise. Inicialmente surgiram dez temas, que se entrecruzam em diferentes repostas. Os temas que identifiquei foram:

- I - Lixo: definição e utilidade
- II - Relação com o trabalho: negação e medos
- III - A escrita no lixo: leitura de objetos
- IV - Gosto pela leitura e pela escrita
- V - Gosto pela escola
- VI - Relação com as professoras
- VII - Desejo de brincar
- VIII - Como aprendeu a ler e a escrever
- IX - Perspectiva de futuro
- X - Polifonia: outras vozes no discurso do entrevistado

Ao definir o que é o lixo as crianças enumeraram o "material" [2] que encontram no Lixão ou o definiram como o próprio Lixão.

Sobre a utilidade do lixo, cinco dos alunos disseram que o lixo serve para trabalhar, para catar artigos recicláveis que serão vendidos para ganhar dinheiro. Somente P deu uma resposta diferente:

[Para que serve o lixo?]

P. *Pra nada.*

Apesar de, inicialmente, os alunos terem aceitado fazer parte da pesquisa e confirmarem o fato de trabalharem no Lixão, no momento da entrevista cinco deles declaram não trabalhar mais lá. Apenas a aluna L declarou trabalhar lá, mas deixou claro, como os demais colegas, que não gosta que ninguém na escola saiba disso.

Os alunos dizem que não trabalham mais no lixão, mas os seus medos são bem presentes. Eles têm consciência que o trabalho deles oferece risco à saúde e a vida. Eles vivem uma tensão constante entre a consciência do perigo e a necessidade de trabalhar.

Das seis crianças, apenas B declarou não ter medo de nada, os demais colegas, quando perguntados se tinham medo de trabalhar no Lixão, responderam que têm medo de: cobras, escorpião, bichos diversos, de furar o pé, de comer coisa aberta, dos caminhões quando dão ré e do carro de menor, que recolhe as crianças que são encontradas trabalhando no lixão.

Com relação à escrita no lixo uma questão que muito me instigava, era saber o que eles encontram no lixo que pode ser lido e o que eles fazem com esses objetos. Foi com surpresa que constatei que eles responderam na maioria das vezes, que podem ser lidos os objetos que normalmente circulam na esfera escolar.

Quanto ao estado que esses objetos chegam ao Lixão, os alunos disseram que tem coisa que chega limpa, mas a maioria deles chega amassado, sujo e fedendo.

Já quando perguntados o que fazem com esses objetos, eles foram quase unânimes: separam para vender. A exceção foi:

B. *Levo pra casa pra mim ler.*

No que diz respeito ao gosto pela leitura e pela escrita, três alunos declaram gostar de ler e escrever, sendo que um deixou bem claro que quer aprender a ler "pro trabalho". Quando convidados a relatar como aprenderam a ler os seis contam que liam para as professoras, que gostavam de ler e que eram ajudados quando não conseguiam.

Como são crianças que chegaram ao final do primeiro ciclo sem saber ler e escrever, essa declaração de que eles gostavam de ler para as professoras é no mínimo instigante. Nas classes de alfabetização, normalmente, as professoras "tomam a leitura" para conferir o que as crianças já aprenderam e as crianças com mais dificuldades tendem a ficar nervosas e a fugir das tais leituras.

Então por que eles me disseram que gostavam de ler? Será que realmente gostavam ou o auditório (eu - orientadora educacional da escola) influenciou na resposta. Se eles realmente gostavam de ler e liam, como dizem o que eles liam? E se liam, por que/como não aprendiam?

O gosto pela escola surgiu na fala de cinco, dos seis alunos entrevistados. O aluno P ainda completou:

P. *Choro e tudo pra "vim". Porque eu gosto de aprender, estudar, saber mais.*

Apenas uma aluna declarou gostar mais ou menos e a entonação usada demonstrou sua insatisfação em ter que ir a escola diariamente.

B. *Mais ou menos. Todo dia vim pra escola...*

No que diz respeito à relação com as professoras, quatro, das seis crianças, declaram que a professora que mais gostam é a tia Michele, professora que é psicopedagoga e que deu aula para eles no ano passado. L apesar de gostar mais de outra professora, declarou que o ano que mais gostou da escola foi o ano que estudou com a professora Michele. A professora também foi citada pelo grupo como uma das poucas que sabe que eles trabalham no Lixão.

Interpretei como desejo de brincar mais o fato de quatro desses alunos declararem que o horário que mais gostam é o de Educação Física e o fato de alguns deles declararem que brincam no Lixão. Será que a escola ainda é um dos poucos espaços onde eles podem ser crianças e brincar?

Antes de explicitar como as crianças contam que aprenderam a ler e a escrever, é preciso relatar como eles reconhecem essa aprendizagem. Dos seis alunos, apenas L declarou que sabe ler, os demais disseram que sabem mais ou menos, pouco ou não muito.

Quando perguntei aos alunos que materiais eles utilizaram para aprender a ler e a escrever, todos citaram livro e caderno. Os outros materiais citados foram: abecedário, lápis, borracha, apontador, folha no computador e cartaz.

A forma como aprendeu a ler e a escrever foi descrita apenas por L (exposto acima) e por P:

P. *(Elas) Botavam o abecedário, e a gente ia lendo. Aí botavam o BA, BE, BI, BO, BU, LA, LE, LI, LO, LU. Aí juntava o BO com o LA. BOLA. Foi assim.*

A partir das falas analisadas podemos supor que os alunos foram alfabetizados por um método silábico, que tinham cartilhas, cadernos de leitura e que as professoras tomavam leitura.

Ao falar sobre as perspectivas de futuro os alunos deixaram uma coisa bem clara: quando crescer, querem ser trabalhadores. O que isso significa para eles? Eles já não são? Será uma oposição ao mundo do crime? Esses são questionamentos a serem respondidos nas próximas conversas.

A polifonia esteve presente em todas as entrevistas. Ao conversar com as crianças percebi, em suas falas, a presença do discurso de outras pessoas. Então selecionei para análise alguns trechos que transcreverei junto com minhas interpretações.

Quando perguntei a L se o fato dela levar seis anos para se alfabetizar estava relacionado ao fato dela trabalhar no Lixão, ela disse que não e explicou que ela não aprendia:

L. *Por causa de que quando a tia passava as coisas pra eu ler eu não lia. Eu ficava quieta.*

A menina, assim como os demais colegas, põe em si mesma a culpa por não conseguir aprender. Era ela que não lia, a professora ensinava, mas ela ficava quieta. A fala me parece uma repetição de um discurso que ela deve ter ouvido bastante a respeito de si, provavelmente de suas professoras e que de tanto ser ouvido por ela passou a fazer parte de seus discursos. É o discurso do outro, que de tanto ser ouvido, passou a ser palavra dela.

Quando perguntei a P se ele prefere ficar na escola ou no Lixão, ele me respondeu:

P. *Na escola. E na minha casa. Porque na escola a gente sabe de tudo, as professoras ensinam e no Lixão não é nada é só catar. Catar o que ensina? Nada. A puxar carroça.*

O aluno reproduz um discurso que é muito comum ouvir das professoras e dos funcionários da escola, a defesa da escola como espaço de transmissão de conhecimentos válidos socialmente.

Ao me contar o que aprendeu na escola e como aprendeu, D falou:

D. *(aprendi a) Ler, escrever. Eu aprendi prestando atenção e fazendo dever.*

A fala do menino é uma repetição de um discurso muito comum entre professoras e funcionários da escola: para aprender é preciso prestar atenção a aula e fazer os deveres.

Para encerrar trago a resposta da aluna R a pergunta: as pessoas comem o que cai lá no lixo?

R. *Às vezes eles comem, mas quando já passou da validade eles não comem não.*

Penso que deve ser difícil encontrar no lixo algum alimento que ainda esteja no prazo de validade e que esse deve ser o discurso (de defesa) das pessoas que retiram do lixo seu alimento.

As análises aqui apresentadas são resultado de um primeiro exercício de pensar sobre os discursos das crianças pesquisadas. Tenho a certeza que cada leitor poderá ampliar, em muito, as observações feitas até aqui. Pois como escreveu Bakhtin, todo enunciado é criado para ser respondido, para dialogar com outros enunciados.

BIBLIOGRAFIA:

BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. SP: Hucitec, 1981.

_____. **Problemas da poética de Dostoiévski**. Rio Janeiro: Forense, 2008.

GERALDI, W. A diferença identifica. A desigualdade deforma. Percursos bakhtinianos de construção ética e estética. *In* FREITAS, M. T., SOUZA, S. J. e, KRAMER, S. (orgs.). **Ciências humanas e pesquisa: leitura de Mikhail Bakhtin**. 2ª Ed. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. **Linguagem e Ensino: exercícios de militância e divulgação**. Campinas, São Paulo: Mercado das Letras: Associação de Leituras do Brasil, 1996.

KRAMER, S. A infância e sua singularidade. *In*: BRASÍLIA. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica. **Ensino Fundamental de nove anos: orientações para a inclusão da criança de seis anos de idade**. MEC, Secretaria de Educação Básica, 2007.

KOHAN, W. O. **Apontamentos filosóficos para uma (nova) política e uma (também nova) educação da infância**. 27ª Reunião Anual da ANPED. GT de Educação Infantil de 0-6 anos. Caxambu, 2004.

LARAIA, R. de B. **Cultura: um conceito antropológico**. 22ª Ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

PONZIO, A. **A revolução Bakhtiniana: o pensamento de Bakhtin e a ideologia contemporânea**. São Paulo: Contexto, 2008.

SOARES, M. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. 26ª ANPED: GT Alfabetização, leitura e escrita, outubro de 2003.

_____. **Letramento:** um tema em três gêneros. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

[1]A classe de reorientação, era destinada a suprir as dificuldades das crianças que ao final de um ciclo não tinham condições de ingressar no ciclo seguinte, no caso do 1º ciclo, eram, na maioria, crianças que ainda não sabiam ler.

[2] Forma como eles chamam os detritos que são coletados para reciclagem.